

DO CEARÁ, TRÊS SANTOS DO NORDESTE

*Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros
Antropóloga, Profª da UERJ*

Estudando-se a religiosidade popular do Nordeste, chama a atenção uma singularidade: as três principais figuras míticas da crença do povo - o Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero são filhos do Ceará. Além dessa origem, elementos históricos e sociológicos em diferentes níveis constituem-se pontos coincidentes na trajetória de vida desses homens que têm também como fator de identidade serem objeto do imaginário das mais pobres camadas sociais da população nordestina. Em nossa perspectiva, o que determina a importância do estudo desses personagens é sua pertinência a uma cultura singular, tipicamente plasmada a partir da ideologia católica, trabalhada, vivida e transfigurada pelos setores mais distantes na hierarquia social, dos grupos dirigentes, tanto a nível de Estado quanto ao de Igreja.

Sem significar um privilegiamento de enfoque, refletiremos inicialmente sobre a coincidência da situação geográfica e temporal de suas existências. No parágrafo introdutório desse trabalho poderíamos ter usado a expressão - "nasceram no Ceará". Mas diríamos pouco em relação à perspectiva pela qual analisamos suas personalidades, marcadas todas elas por traços comuns de convivência com o lado violento da natureza regional - (a seca), por um sentimento telúrico revelado nos menores gestos, nas lembranças de um ansejar pelos verdejantes Cariris Novos, no sofrimento da vida na sociedade nordestina da segunda metade do século XIX.

A longa agonia da crise econômica do Nordeste que se arrastava desde o início do Século XVIII, vai eclodir ao nível do social, na primeira metade do século XIX, nos vários levantes armados dos quais os mais importantes, segundo a historiografia oficial, foram 1817 e 1824. Foram as últimas tentativas de as

camadas econômica e intelectualmente privilegiadas da região impedirem o total deslocamento dos pólos decisórios da economia e da administração para o Centro-Sul, sufocados os levantes, a partir de então se passa às tentativas de estabelecimento de um pacto entre senhores, concertando o novo *modus-vivendi* entre as regiões econômicas.

As baixas camadas sociais, homens livres e semi-livres, à margem do processo principal escravista, deslocam-se tendo sua vida, como desde o início da colonização, dependente dos grandes senhores. Desposuídos da terra, trabalhadores do alugado, só são necessários no momento das safras, filiando-se aos grandes clãs parentais (expressão de Oliveira Viana) através do compadrio, numa submissão centenária que os leva muitas vezes à morte, na fidelidade aos senhores em luta contínua por terras ou por posições de mando.

Essa situação gera para essas camadas constituídas também pelos artesãos, pequenos proprietários, comerciantes mais pobres (bodegueiros e mascates) e todos os mestres de ofício uma situação de "deprivation" agravada pelas epidemias que grassam no sertão, além do flagelo da seca, quase cíclico naquela região. A pobreza material soma-se a angústia da guerra e da doença, a repressão pela guerra do "quebra quilô".

Esse o cenário geográfico, econômico e social palco da vida de Ibiapina, Conselheiro e Cícero.

Os estudiosos de Antônio Conselheiro se referem todos a sua passagem pelo Cariri ao tempo em que a palavra de Ibiapina missionava o povo do Ceará que para aí acorria. As páginas mais comoventes dos escritos de Ibiapina são as escritas despedindo-se dessas plagas, que mantiveram o Pe. Cícero prisioneiro pelo sentimento de ligação à terra e ao povo, até o enfrentamento com as altas autoridades da hierarquia católica.

Tomando como ponto de reflexão as cartas de despedida de sua gente, escritas por eles, estudaremos os elementos que os identificaram, no ideário popular nordestino, como os melhores entre seu povo - os santos do Nordeste.

Transcrevendo as três despedidas - a de Ibiapina, de 16 de setembro de 1872, a de Conselheiro, só conhecida na década de 70 deste século, embora escrita em 12 de janeiro de 1897 e o testamento do Pe. Cícero, datado de 1934, é possível detectar-se alguns vetores comuns que orientaram a vida desses homens. Desses, destacam-se a relação íntima com seu povo, apego à terra, a preocupação com a eternidade e a salvação dos homens, a saudade de sua gente, a tentativa de permanência no seu mundo sertanejo, o amor aos humildes, o privilegiamento

de certos caracteres da formação cultural de seu grupo, o respeito à Igreja Católica como a força original para a qual retornam pelas orações, pela ética.

Declaração que faz o Padre Ibiapina aos Irmãos, Beatos e Irmãs das Santas Casas de Caridade do Cariri Novo. Fiz entrega das casas de caridade do Cariri Novo ao Exm^o e Revm^o Sr. Bispo por segurar-lhes um venturoso futuro, por que debaixo de tão valiosa proteção de um Pai tão habilitado pelas circunstâncias favoráveis que o cercam, não posso deixar de animar a todos os beatos e irmãs de caridade para auxiliarem a permanência das Casas e prosperidade delas. Se, porém, algum Beato, ou irmã de caridade, não puder ou não quiser continuar os seus serviços, pode retirar-se para a sua casa, e se julgar que lhe convém continuar a prestar serviços de Caridade debaixo de minha direção, pode procurar-me que com agrado receberei como o filho espiritual, a quem amo e a quem continuarei a prestar serviços espirituais. Tanto quanto minhas pequenas forças permitirem. Todos sabem que não pode ser obrigado aos fins quem não tem direito aos meios que o habilitam a conseguir os fins. Tendo o Sr. Bispo aceitado as Casas, não está mais sob minha responsabilidade prover os meios de sustentação destas Casas. Não tendo mais a posição moral que me autorizava a pedir esmolas, os que eram os meus esmoleiros não poderão mais em meu nome, porém para a Caridade; esperem as Casas pela deliberação do Sr. Bispo, que não se esquecerá de providenciar quanto antes para que as Casas não se fechem. Estou muito longe, que posso fazer? Entretanto os Beatos e irmãs de Caridade obrem segundo esta instrução que é a minha direção conscienciosa. Digo adeus a todas as Casas, abraçando as minhas queridas filhas órfãs e derramando uma lágrima de ternura paternal. Podem dar publicidade à minha

declaração para que se veja que obro com sinceridade e boa fé. Irmãos, eu não procuro honras de Instituidor, quero que se beneficie a humanidade desvalida, como é a orfandade, principalmente na minha terra; portanto sejam todos felizes e eu sou também. Adeus, bom povo do Cariri Novo, eu vos abraço sem exceção porque de todos vós recebi testemunhos de amor e de simpatia que bem se conhecia que o vosso coração era meu, como o meu era e é vosso. Adeus, homens, adeus mulheres, adeus meninos, adeus meninas, adeus moços, adeus velhos, gentes todas dessa terra de onde sou retirado por altos juízos de Deus, para que sofra o coração que gozou as ternuras do amor de pátria e as doces consolações da amizade. Beijo este papel e nele fecho o meu coração para ser visto nestas poucas palavras pelo bom povo do Cariri Novo. Padre Ibiapina. Cravatá, 16 de setembro de 1872 (PINHEIRO, 1963:161-162).

DIÁRIO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO - DESPEDIDA

Praza aos céus que abundantes frutos produzam os conselhos que tendes ouvido; que ventura para vós se assim o praticardes; podeis entretanto estar certos de que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa luz e força, permanecerá em vosso espírito. Ele vos defenderá das misérias deste mundo; um dia alcançareis o prêmio que o Senhor tem preparado (se converterdes sinceramente para Ele) que é a glória eterna. Como não ficarei plenamente satisfeito sabendo da vossa conversão, por mim tão ardentemente desejada. Outra coisa, porém, não é de esperar de vós à vista do fervor e animação com que tendes concorrido para ouvirdes a palavra de Deus, o que é uma prova que atesta o vosso zelo religioso. Antes de fazer-vos a minha despedida, peço-vos perdão se nos conselhos

vos tenho ofendido. Conquanto em algumas ocasiões proferisse palavras excessivamente rígidas, combatendo a maldita república, repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor e amor de Deus, todavia não concebam que eu nutrisse o mínimo desejo de macular a vossa salvação (que fala mais alto do que tudo quanto eu pudesse aqui deduzir) me forçou a proceder daquela maneira. Se porém se acham ressentidos de mim, peço-vos que me perdoeis pelo amor de Deus. É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente! São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus, povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto (NOGUEIRA, 1974:181-182).

TESTAMENTO DO PADRE CÍCERO

Em nome de Deus. Amém. Eu, Padre Cícero Romão Batista achando-me adoentado, mas sem gravidade, e em meu perfeito juízo, e na incerteza do dia da minha morte, tomei a resolução de fazer o meu testamento e as minhas últimas disposições, para o fim de dispor dos meus bens, segundo me permitem as leis do meu País. E como, devido ao meu atual incômodo, não posso levar muito tempo apurado em este longo documento, nem quero fazer um testamento público, mas, sim um

testamento cerrado, de acordo com o artigo mil seiscentos e trinta e oito e seus parágrafos do Código Civil Brasileiro, pedi ao meu amigo Luiz Teófilo Machado, segundo Tabelião de Notas desta Comarca, que por mim escrevesse este meu testamento em minha presença, e por mim ditado, reservando-me para assiná-lo com o meu próprio punho.

Declaro que sou filho legítimo dos falecidos Joaquim Romão Batista e Dona Joaquina Vicência Romana; que nasci na Cidade do Crato, neste Estado do Ceará, no dia vinte e quatro de março de mil oitocentos e quarenta e quatro (1844). Como profissão, adotei o Ministério Sacerdotal, de acordo com as Ordens que me foram conferidas pelo então Bispo do Ceará, Dom Luís Antonio dos Santos, de saudosa memória, exercendo-o, conforme a minha vocação, com amor, dedicação e boa vontade, e desejando assim continuar enquanto o bom Deus, pela divina Misericórdia, me conceder forças e consciência dos meus atos.

Declaro mais que desde a minha ordenação, mesmo durante o pouco tempo que fui vigário na Paróquia de São Pedro do Crato, nunca percebi um real sequer pelos atos religiosos que tenho praticado como sacerdote católico. Declaro ainda que todos os dinheiros que me foram e continuam a ser dados, com oferta (feitas) a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de Caridade que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho aplicado em bens, que ora deixo, na maior parte, para a Bem-Aventurada e Santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui no Juazeiro os seus Colégios de educação para crianças de ambos os sexos.

Desde muito cedo, quando comecei a ser auxiliado com esmolas, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores que aqui chegavam, a par do auxílio eficaz por mim feito para o

desenvolvimento desta terra, resolvi aplicar parte das esmolas recebidas em propriedade, visando assim fazer um patrimônio para ajudar uma Instituição Pia e de Caridade, que pudesse aqui continuar a sua Obra Benfazeja.

E porque, dentre todas as existentes, nenhuma se me afigura mais benemérita e de ação mais eficaz, e de caridade mais acentuada do que a dos bons e santos discípulos de Bom Bosco, os Beneméritos Salesianos, a eles deixarei quase tudo o que possuo, conforme adiante declaro. E rogo a esses bons e verdadeiros servos de Deus, os Padres Salesianos, que me façam esta grande Caridade, instituindo nesta terra uma obra completa. Estou certo, não só porque conheço a índole deste povo aqui domiciliado, assim como (a índole) das populações sertanejas que aqui frequentam e por meio de bons conselhos tenho educado na prática do Bem e do Amor a Deus, e mais ainda porque o pedido que faço, estou certo, repito, que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim, e em louvor e honra à Virgem Mãe de Deus, continuarão a frequentar este meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade; e auxiliarão aos Beneméritos Padres Salesianos, como se fosse a mim próprio, para a manutenção, aqui, da sua Obra de Caridade Cristã, isto é, dos seus Colégios, nesta terra, para todo o sempre, será a maior tranqüilidade para minha alma na outra vida.

Declaro, outrossim, que os dinheiros que tenho recebido para mandar celebrar missas conforme a intenção das pessoas que me os tem dado, os tenho distribuído como o maior critério, por intermédio dos padres e vigários desta e de outras Dioceses e de algumas Instituições religiosas do País e de estrangeiro. Devo acrescentar que os dinheiros que me tem sido entregues para eu aplicar como entendesse e quisesse, na intenção, louvor e honra de Nossa

Senhora das Dores, sem nenhuma outra condição, do mesmo modo os tenho aplicado com muita consciência em atos de caridade, em auxílio a Obras e Instituições Pias, e em bens que ora deixo; conforme vai adiante declarado, para Nossa Senhora das Dores, Padroeira desta Matriz, e para a Santa Congregação dos Salesianos; particularizo, desta maneira, a aplicação, à minha vontade, das importâncias, em dinheiro, recebidas (por mim) para distribuir na intenção de Nossa Senhora das Dores, nunca me apoderei delas; ao contrário, ordenei sempre que fossem recolhidas aos respectivos cofres da Igreja, hoje Matriz, os quais estiveram sempre à guarda dos Vigários da Paróquia. Devo ainda declarar, por ser para mim uma grande honra e um dos muitos efeitos da Graça Divina sobre mim, em virtude de um voto por mim feito aos doze anos de idade, pela leitura que nesse tempo eu fiz da vida imaculada de São Francisco de Salles, conservei a minha virgindade e a minha castidade até hoje.

Afirmo que nunca fiz mal a ninguém, nem a ninguém votei ódio nem rancor, e que sempre perdoei, por amor de Deus e da Santíssima Virgem, a todos que me fizeram mal consciente ou inconscientemente.

Preciso ainda elucidar um assunto ao qual meu nome por circunstâncias especiais se acha ligado, porém no qual minha ação, aliás, pacífica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixam dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpretá-la. Nunca desejei ser político; mas, em mil novecentos e onze (1911), quando foi elevado o Juazeiro, então povoado, à categoria de vila, para atender a insistentes pedidos do então Presidente do Estado e meu saudoso amigo Comendador Antonio Pinto Nogueira Acioli, e para evitar, ao mesmo tempo, que outro cidadão, na direção política deste povo, por não saber ou não poder manter o

equilíbrio de ordem até esse tempo mantido por mim, compromettesse a boa marcha desta terra, vi-me forçado a colaborar na política. Apesar das bruscas mutações da política cearense, sempre procurei conservar-me em atitude discreta, sem apaixonamentos, evitando sempre as incompatibilidades que pudessem determinar choques de efeitos desastrosos. Para conseguir isto, muitas vezes tive de me expor ao conceito de homens sem idéias bem definidas. Após a queda do governo Acioli, por motivo de ordem moral, retraí-me da política, mantendo, entretanto, relações de cordialidade com o governo Franco Rabelo, sendo até eleito terceiro vice-presidente do Estado. E o meu amor à ordem foi tão manifesto que, a despeito da má vontade ao pedido da população desta terra e autorizar que o meu nome fosse apresentado para voltar ao cargo de Prefeito deste Município naquele mesmo governo que me era sobremaneira hostil. Quando, em novembro de mil novecentos e treze (1913), o meu amigo Dr. Floro Bartolomeu da Costa, atual Deputado Federal por esta cidade, e diretor político desta terra, de volta ao Rio de Janeiro me informou que os chefes do partido decaído haviam resolvido reunir a Assembléia Estadual aqui, por ser impossível a reunião em Fortaleza em virtude da pressão exercida pelo partido governante, e dar-lhe a direção do movimento reacionário com a maior lealdade ponderei, em carta reservada ao Coronel Franco Rabelo, sobre a vantagem da sua renúncia. E assim procedi, porque, sem nada de mais grave propriamente saber, a não ser da reunião da Assembléia, percebi, pelos precedentes de violência do então governo, a possibilidade de uma luta.

Não sendo porém, atendido pelo então Presidente Coronel Franco Rabelo e não podendo este evitar que, à sombra do seu nome, fossem cometidos atos de desatino, entre os

quais bárbaros assassinatos e espancamentos, considere finda a minha árdua tarefa, afastando-me do campo de ação política e deixando, ao mesmo tempo, que o Dr. Floro agisse segundo as ordens recebidas, já que não me era possível poupar esta população laboriosa da triste condição de vítima indefesa. E no período mais agudo da luta, como curso de gravidade foi para mim uma surpresa, podem garantir, os que aqui a testemunharam, que a minha atitude era lastimar as desastrosas consequências dos erros políticos; e jamais deixei de ser no sentido de evitar violência.

De maneira que posso afirmar, sem nenhum peso de consciência, que não fiz revolução, nela não tomei parte, nem para ela concorri, nem tive nem tenho a menor parcela de responsabilidade, direta ou indiretamente, nos fatos ocorridos.

Eleito, no biênio do governo Benjamim Barroso, primeiro Vice-Presidente do Estado, apesar deste (se achar) rompido politicamente com o Dr. Floro Bartolomeu, sempre com ele mantive a maior cordialidade. Não tenho culpa de que, por um despeito mal-entendido e de ordem política, houvesse e ainda exista quem me queira tornar por ela responsável. Estou certo de que, quando se fizer a verdadeira luz sobre esses fatos, meu nome realçará limpo, como sempre foi. Faço estas declarações, neste documento, para que os que me sobreviverem fiquem cientes (porque perante Deus tenho a consciência tranquila), que neste mundo, durante toda a minha vida, quer como homem quer como sacerdote, nunca, graças a Deus, cometi um ato de desonestidade, seja sob que ponto de vista se possa ou queira encarar (o assunto); nem nunca cometi, nem alimentei embuste de espécie alguma.

Insistindo, peço, como sempre aconselhei, que sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e

respeitadores às Leis e Autoridades civis e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, no seio da qual, tão somente, pode haver felicidade e salvação. Torno extensivo este meu pedido também a todos os meus amigos, pessoas de outros Estados e Dioceses, romeiros também da Santa Virgem Mãe de Deus, isto é: que continuem a visitar o Juazeiro, em romaria à Santíssima Virgem, como sempre o fizeram, auxiliando a manutenção do seu culto e das Instituições religiosas que aqui foram criadas; e com especial menção, repito, a dos Beneméritos Padres Salesianos que, aqui no Juazeiro, serão os meus continuadores na Obra de Caridade que empreendi. E sejam sempre bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores às leis e autoridades civis e da Igreja Católica Apostólica Romana, no seio da qual, tão-somente, poderemos encontrar felicidade e salvação.

Estes conselhos que sempre dei em minha vida não me canso de repeti-los aqui para que, depois da minha morte, fiquem bem gravados na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram objeto da minha maior preocupação.

Não tenho ascendentes vivos nem tampouco descendentes, e assim julgo poder dispor dos meus bens, que se acham livres e desimpedidos, de acordo com as Leis do meu País, e do modo por que desejo e como segue; e o faço na plenitude de minhas faculdades e da mais livre e espontânea vontade... (SOBREIRA, 1969:308-404).

O testamento prossegue com a distribuição dos bens. Transcrevemos os trechos em que o Padre se refere ao povo em geral.

Os embates políticos - Revolução de 1817 e de 1824, as lutas genocídicas entre os troncos das famílias Feitosa, Maciel e Araújo, marcaram com a tragédia as vidas de Ibiapina e Antonio Vicente Mendes Maciel - O Conselheiro. A

epidemia do cólera levava também à orfandade o Padre Cícero Romão Batista. Produto da mesma estrutura social, suas vidas foram determinadas pelas "três pragas da tragédia nordestina" - peste, fome e guerra. A experiência do horror da doença numa região sem hospitais, médicos ou qualquer socorro governamental, transformou-os em caridosos benfeitores de doentes e moribundos, aprofundando o sentimento de solidariedade que conduziria suas preocupações para os cuidados ora com a construção de casas de caridade, ora para o amparo aos órfãos e a edificação de cemitérios, a proteção à mulher e aos velhos.

A opção de suas vidas, de não reproduzirem a violência de que haviam sido vítimas, plasmou-lhes uma vontade indômita que representa a própria característica de sua cultura, canalizando toda sua força para o combate em defesa dos pobres, dos humilhados por todos os tipos de sofrimento, sempre com soluções tiradas de seu próprio meio social e físico, orientados pela ética do evangelho.

Pela leitura das cartas pode-se acompanhar a intimidade de trato com que os três condutores de gentes se dirigiam a seus seguidores. A perfeita identificação com seu povo, a forma igual de comunicação, a constante preocupação com os sentimentos de dignidade do sertanejo, talvez se constituam pontos importantes para a compreensão do grau de devotamento com que multidões iriam até à morte em defesa desses homens. No episódio da Guerra do Guebra-aquilo, a ameaça de prisão do Padre Ibiapina então em Santa-Fé-Paraíba, congregou em torno dele milhares de seguidores dispostos a impedir sua prisão. No seu período de missionário Ibiapina produziu verdadeiros movimentos sociais, levando milhares de sertanejos a percorrer o interior do Nordeste, sob a sua palavra, construindo hospitais, cemitérios e orfanatos, numa autêntica reconstrução de vida social. Ele trazia alegria num mundo de desesperança.

Antônio Conselheiro, por seu repúdio à violência, amor à terra e ao trabalho, religiosidade, solidariedade ao povo sofrido, congregou em torno de si vasta população, assim descrita pelo deputado baiano César Zama, em 1897: "Canudos era a povoação mais numerosa talvez da Bahia, depois da capital. Pelo número das casas contadas depois do assalto e arrasamento, não será exagerado dizer-se que o número de seus habitantes atingia a quase vinte e cinco mil almas". Ainda esse autor escreve: "Ninguém ignora que gênero de vida levavam os canudenses: plantavam, colhiam, criavam, edificavam e rezavam. Rudes, ignorantes, fanáticos talvez pelo seu chefe, que reputavam santo, não se preocupavam absolutamente de política. Aquela povoação proporcionava ao Estado pingue fonte de receita do imposto de exportação sobre peles".

Contrariamente às teorias que estudam os movimentos religiosos do Nordeste como uma liderança carismática que congrega homens e mulheres em torno de um "Messias Salvador", vemos que não há diferença entre condutor e seguidores, sendo aquele destacado apenas por sua renúncia a todo prazer individual, pela prática mais continuada dos ensinamentos que disseminava. A peculiaridade da cultura daquele grupo se traduzia, não só pelas práticas econômicas dos meios e das relações de produção, mas principalmente pela simbologia do catolicismo popular, presentes também nos grupos seguidores de Ibiapina e Pe. Cícero, perfazendo o universo da cultura sertaneja na segunda metade do Século XIX. Somente entendendo o significado prático que o catolicismo popular atribuiu à categoria santidade, é possível explicar-se a oposição que a Igreja Institucional fez aos movimentos religiosos desencadeados em torno desses três santos populares. Analisando antropologicamente a categoria Santidade no catolicismo popular a partir de trabalho de campo no Juazeiro, encaminhamos o problema como uma relação entre santidade e práxis do evangelho.

Por essa perspectiva, o trabalho, o respeito ao homem, a proteção aos que sofrem, a igualdade, a ausência da fome, despreendimento de dinheiro, respeito às donzelas, boa convivência, humildade, equilíbrio de conduta, são essas as características da santidade. A prática dessa ética, isto é, uma vida nessas práticas, eis a decodificação da categoria santo. Em contraposição, o pecado será a fome, ambição, desigualdade, arrogância, violência, exploração, preguiça, concupiscência, desregramentos sexuais, desarmonia. Falando sobre Padre Cícero e Conselheiro, atribuem-se a eles aquelas virtudes, opondo-os aos homens comuns, que apresentam pecados - os pecadores. Transformar-se naquele símbolo de santidade, eis a ambição mais forte entre os que optaram por viver nas cidades santas. No caso de Canudos essa opção foi tão drástica que, a voltar ao estilo de vida com o qual haviam rompido, a se reinserirem na sociedade pecadora, preferiram morrer na cidade santa (BARROS, 1980:188).

Nas prédicas de Ibiapina, de Antônio Conselheiro e do Padre Cícero, bem como nas despedidas transcritas, a glorificação à Igreja Católica é outro

ponto de identidade entre os três! Paradoxalmente, a feroz perseguição sofrida a partir da alta hierarquia católica tanto por Ibiapina (expulso do Ceará por D. Luiz dos Santos), Conselheiro (teve a prisão pedida por este mesmo personagem, então bispo da Bahia) e Cícero (suspensão de ordem) irmanados num mesmo sofrimento. Longe de levá-los ao descrédito, transformou-os em mártires ante seu povo, convencido de que seu único pecado era uma ligação irreversível com o destino dos abandonados da sociedade.

Postos sob suspeita pela alta hierarquia católica, diferentes foram os destinos dos três cearenses estudados. Membros do Clero, foi impossível a Ibiapina e Pe. Cícero o diálogo humilde ou áspero que, graças à disciplina e a obediência impediu sua expulsão da Igreja, o que lhes permitiu a aliança de muitos representantes das camadas dirigentes, garantindo-lhes a sobrevivência pessoal e grupal. Refratário à riqueza, desgarrado de quaisquer laços com a hierarquia governante, Conselheiro é exposto à tragédia pelo poder do Estado (governo, polícia, juizes e exército), pelo poder da Igreja, (Bispo da Bahia), atizado pelos intelectuais republicanos, sucumbindo com seu povo à impossibilidade de entendimento por parte das camadas dominantes, de suas concepções de mundo. autodidata, limitado politicamente pelos horizontes de seu mundo, Conselheiro carrega atônito a dor da injustiça maior de sua vida, o genocídio de um povo que, por sua perspectiva, apenas vivia a palavra de Deus na Terra: trabalhar, rezar, procriar e fazer o bem. Vilanova, sobrevivente de Canudos em depoimento a Nertan Macedo, no livro "Memorial de Vila Nova", fala da agonia do Peregrino diante do ataque das forças do país a seu reduto. Pelas palavras de sua despedida, vê-se que o Conselheiro só restaram o amor de seu povo sacrificado e a esperança da mensagem católica da salvação.

Uma mesma ética permeia as três mensagens - a ética cristã segundo a decodificação do catolicismo popular: a glória eterna como prêmio por uma vida santa na terra. À luz da análise da categoria santidade, já enunciada, é possível avaliar-se a importância desses ensinamentos como superestrutura no tipo de sociedade em que viveram. A contradição dessa ideologia com a sociedade escravocrata, por exemplo, vai estar presente nas prédicas 618,619,620 e 621 em que o Conselheiro explica a origem da República:

É preciso, porém, que não deixe no silêncio a origem do ódio que tendes à família real, porque sua alteza a senhora dona Isabel libertou a escravidão, que não fez mais do que cumprir a ordem do céu; porque era chegada o tempo marcado por Deus para libertar esse povo de semelhante estado, o mais degradante a que

podia ser reduzido o ente humano; a força moral (que tanto a obra) com que ela procedeu à satisfação da vontade divina constitui a confiança que tem em Deus para libertar esse povo, não era motivo suficiente para soar o brado da indignação que arrancou o ódio da maior parte daqueles a quem esse povo estava sujeito... na noite que tinha de assinar o decreto da liberdade, um dos ministros lhe disse: Sua alteza assina o decreto da liberdade, olhe a república como uma ameaça, ao que ela não liga a mínima importância, assinando o decreto com aquela disposição que tanto a caracteriza (NOGUEIRA, 1974:180-181).

A ética cristã impulsiona Conselheiro ao abolicionismo, defendido no Ceará também pelos intelectuais da Padaria - de ideologia positivista. Essa mesma ética cristã levará Ibiapina a uma verdadeira campanha de valorização do trabalho como dignificação do homem, numa sociedade em que se distinguia a camada social pária pela ligação de seus membros ao trabalho. Enquanto a ideologia dominante classifica o trabalho como estigma social, Ibiapina prega a dignificação do homem pelo trabalho-salvador, moralizador e responsável por sua subsistência. Em simpósio sobre Ibiapina, realizado em Campina Grande por ocasião do centenário de sua morte, em fevereiro de 1983, discutia-se a omissão de Ibiapina por este não haver participado das lutas pela abolição da escravatura. Tivemos oportunidade de lembrar a prática abolicionista do missionário, não só pela pregação sistemática da valorização humana do trabalhador, e de seu direito ao pão ganho com o suor de seu rosto, como também do exemplo oferecido a toda a sociedade sertaneja, a de uma concepção de igualdade racial que o levava a colocar em cargos de direção das Caridades beatas mulatas, negras ou brancas, segundo apenas os critérios de trabalho, interesse, devoção e dedicação à causa. Ao beato José Lourenço, homem de cor preta e origem obscura, o Padre Cícero entrega primeiro a Fazenda Baixa D'Anta e depois o Caldeirão para que ele fosse o responsável por centenas de famílias, conduzindo-as segundo a ética do evangelho, pela interpretação corrente entre os sertanejos pobres, explicitada mais coerentemente a partir de Ibiapina.

A seca de 77 fustigou os três personagens marcando-os indelévelmente por uma preocupação com o futuro do povo pobre. Incentivando as grandes multidões, Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero impulsionaram seu povo no aprimoramento da produção de alimentos, proporcionando o arrimo de milhares de famintos, como se lê na crônica de suas vidas.

Pelo sertão de Piauí a Pernambuco, no interior da Bahia, nos Cariris Novos, o povo vislumbrou em Ibiapina, Conselheiro e Pe. Cícero a preocupação com o nordestino, a ligação com seu sofrimento, a comunhão com sua desgraça e suas esperanças, a prática de vida aconselhada pelo Evangelho e os distinguiu entre todos os homens. Deu-lhes a grandeza, o poder, a força e a bondade do mito. Viu-se irradiando luz e sabedoria, bondade e amor - Viu-os Santos!! Não aquela santidade determinada pelos teólogos especialistas do Vaticano, mas aquela santidade construída no cotidiano de amargura, trabalho e esperança de homens destituídos de poder, direitos e cidadania.

Não discutiremos a possível santidade (segundo os cânones da Igreja) desses personagens. Sociologicamente eles representam a construção social de um povo que os fez santos. No imaginário popular o Padre Cícero é um santo singular. Enquanto sertanejo ele é tratado com intimidade pelos mais humildes que o consideram quase um seu advogado junto a Deus. Suas apregoadas virtudes distinguem-no dos homens comuns, mas não o separam deles. Ele é visto como alguém capaz de entender melhor do que qualquer outro santo o drama do romeiro, por mais íntimo que este seja. Na crença popular, esse padrinho íntimo - com quem se fala no português mais regional, é um protetor fortíssimo junto a Nossa Senhora das Dores de quem é filho dileto: "Abaixo de Nosso Senhor Jesus Cristo, é meu Padrinho o que mais valia tem nos pés de Nossa Mãe das Dores!!!!"

José Antonio Pereira Ibiapina - nasceu na fazenda Morro do Jaibara, Sobral, a 5 de agosto de 1806. Em 1856 se ordena sacerdote no Recife, vindo a falecer no dia 19 de fevereiro de 1883, em Santa Fé, então município de Bananeiras, na Paraíba. Em 27 anos missionou e reedificou Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Antônio Vicente Mendes Maciel - natural da Vila de Quixeramobim, nasceu em 1830. Sob falsa acusação de assassinato é preso, em 1877 na Bahia, onde já pregava como beato, após ter percorrido Pernambuco e Sergipe. Aos 16 dias do mês de fevereiro de 1882, o arcebispo primaz da Bahia, d. Luiz Antonio dos Santos, determina que os padres de sua arquidiocese proibiam o pregador em suas paróquias. Em 1887 a autoridade eclesiástica pede ao

Presidente da província providências contra o Peregrino.

1893. O Conselheiro se estabelece às margens do Vaza-Barris, fundando Canudos, com o nome inicial de Belo Monte.

12 de janeiro de 1897 - O Conselheiro inicia a obra transcrita por Ataliba Nogueira, composta de prédicas.

Morre Antônio Conselheiro em setembro de 1897, tendo seu corpo exumado no dia 6 desse mês, para ser decapitado pelas tropas do exército, sob o comando do General Artur Oscar de Andrade Guimarães.

Nasce Cícero Romão Batista, na cidade do Crato, no dia 24 de março de 1844. Em novembro de 1870, dia 30, é ordenado sacerdote, indo residir no Juazeiro em abril de 1872.

20 de julho de 1934 - Morre no Juazeiro o Pe. Cícero Romão Batista

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 - BARROS, Luitgarde O. C. A terra da Mãe de Deus - Um estudo do Movimento Religioso de Juazeiro do Norte. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, ed MINC-INL, 1988.
- 2 - MARIZ, Celso, Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste. Paraíba, Publicações Unitas Editora, 1942.
- 3 - NOGUEIRA, Ataliba. Antonio Conselheiro e Canudos. São Paulo; Nacional 1974.
- 4 - Pinheiro, Ireneu. Efemérides do Cariri. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.
- 5 - SOBREIRO, Pe. Azarias. O Patriarca do Juazeiro. Petrópolis: Vozes, 1969.
- 6 - Zama, César. Apud. NOGUEIRA, Ataliba. Antônio Conselheiro e Canudos. São Paulo: Nacional, 1942.